

ESTUDO SOBRE A INCIDÊNCIA DE CENÁRIOS DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHER RELATADOS POR ALUNOS DE ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE UMA PEQUENA CIDADE DO INTERIOR PAULISTA.

Roberta Seixas¹; Carolina Xavier Esteves²; Denise Maria Margonari³; Paulo Rennes Marçal Ribeiro⁴

¹Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – SP – Brasil. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual. E-mail: roberta.seixas.21@hotmail.com;

²Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - SP – Brasil. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual. E-mail: bichobaocarol@gmail.com;

³Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – SP – Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar e Educação Sexual. Departamento de Didática. E-mail: denisemargonari@fclar.unesp.br ; ⁴Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - SP - Brasil. Docente dos Programas de Pós-Graduação em Educação Escolar e Educação Sexual.

Livre-Docente em Sexologia e Educação Sexual. Coordenador do grupo de pesquisa NUSEX. E-mail: paulorennes@fclar.unesp.br

RESUMO

Diante de diversos relatos de alunos de uma escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio do interior do Estado de São Paulo, sobre a violência de gênero, fez-se necessária a aplicação de um estudo, para avaliar a prevalência de três principais critérios: os tipos de agressões presenciadas, a constante dessa prática e contra quem acontece. Para que tal estudo pudesse ser viabilizado, convidamos um educadora social para esclarecimentos sobre a violência contra mulher e dos tipos de agressões, com palestras dialogadas de 2 horas/aula de duração, embasadas nos tipos de agressão encontrados na Lei Maria da Penha nº 11.340/06 da Constituição Federal. Estes esclarecimentos foram direcionados a uma amostra de 30 alunos, do 2º ano do ensino médio. O estudo consistiu na aplicação de questionários fechados, para poder ser mensurados os critérios avaliados. Dos resultados obtivemos que mais de 90% dos alunos já presenciaram a agressão físico, psicológico, patrimonial e moral. A agressão sexual foi presenciada por 30% da amostra. Encontramos que 90% dos alunos presenciaram a violência física e patrimonial até 10 vezes, a psicológica e moral, 70% dos entrevistados já haviam se deparado mais de 31 vezes e a agressão sexual, por 30% dos alunos. Em relação as vítimas: 50% foram as mães, 27% irmãs, 37% tias, 33% primas, 60% vizinhas, 50% desconhecidas e por último as próprias alunas encabeçando 34%. Diante desses dados alarmantes, resolvemos ampliar os estudos para todos os alunos do ensino médio desta escola estudada que posteriormente iremos fazer as devidas análises.

Palavras-chave: Violência de gênero. Agressão contra mulher. Violência doméstica.

INTRODUÇÃO

A escola é um local onde se perpetuam os paradigmas sociais, ela delimita espaços, assumi o papel de afirmar o que cada um pode ou não fazer, acabando por separar e instituir. Através de suas práticas cotidianas, a escola, faz com que os sujeitos interiorizem e

considerem naturais as diferenças entre meninos e meninas, como se essa fosse a “ordem natural das coisas”, e se, por ventura, ocorre um desvio dessa “naturalidade”, este logo é censurado e coagido, para que rapidamente se enquadre novamente as normas de condutas “adequadas”.

O aprendizado como postura parece penetrar nos sujeitos, ao mesmo tempo estes reagem e são envolvidos por tais dispositivos e práticas, constituindo suas identidades “escolarizadas”. De acordo com a definição de Bourdieu (1994), se expressa habitus por:

[...] sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e representações que podem ser objetivamente “regulamentadas” e reguladas sem que por isso seja o produto de obediência, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro. (BOURDIEU, 1994, p. 15)

No espaço escolar são produzidos gestos, movimentos, que são incorporados por meninas e meninos, tornando-se parte de seus costumes. Nele se instrui o olhar, o ouvir, o falar e conseqüentemente, aprende-se a preferir. O aprender da conduta socialmente “adequada”, faz com que o aluno desenvolva determinadas “habilidades” em detrimento de outras. E assim, todo esse aprendizado acaba sendo atravessado pelas diferenças, confirmando e reproduzindo-as.

Como apresentado acima os sujeitos não são passivos receptores de imposições externas, eles se envolvem ativamente, interiorizando e exteriorizando essas aprendizagens. São as estruturas estruturadas e estruturantes as quais Bourdieu se refere. Podemos também citar Foucault (2010) a respeito da fabricação dos sujeitos,

A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se parar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. Humildes modalidades, procedimentos menores, se os compramos aos rituais majestosos da soberania ou aos grandes aparelhos do Estado (FOUCAULT, 2010, p. 164).

O processo de “fabricação” dos sujeitos é continuado e geralmente sutil através da instituição escolar. As palavras e os gestos tornam-se banais, são naturalizados, e assim, tornam-se imposições culturais adentradas na “ordem das coisas”.

As questões de gênero dentro da escola perpassam esse processo, contribuindo para a abertura de uma imensa lacuna e desigualdades de gênero, culminando em violência simbólica. Para Bourdieu (2005), a violência simbólica, compreende o poder que impõe significações, impondo-as como legítimas, de forma a dissimular as relações de força que sustentam a própria força.

Para o gênero, essa visão é rica, pois o grande ponto que será discutido é justamente, os modos marcados pelas relações de poder, em conceber o masculino e o feminino dentro da escola, e ainda de suas conseqüências na sociedade, como por exemplo o sexismo, o machismo e a violência doméstica.

Apesar dos estudos de Bourdieu não desenvolverem especificamente o conceito de gênero, seus estudos permeiam essa temática, uma vez que denunciam um modo de pensar, pautado pela dicotomia e oposições. Falaremos do masculino/feminino, mas o mesmo se opera para rico/pobre, por exemplo.

Além disso, Bourdieu enfatiza que essas concepções “invisíveis” que chegam a nós, nos levam à formação de esquemas de pensamentos impensados, ou seja, quando acreditamos ter a liberdade de pensar alguma coisa, sem levar em conta que esse “livre pensamento” está marcado por interesses, preconceitos e opiniões alheias.

Segundo Bourdieu (2003) uma relação desigual de poder comporta uma aceitação dos grupos dominados, não sendo necessariamente uma aceitação consciente e deliberada, mas principalmente de submissão pré-reflexiva.

Em decorrência disso, a própria socialização dos corpos estaria tingida por essas ideias. “O corpo biológico socialmente modelado é”, conclui Bourdieu (1995),

[...] um corpo politizado, ou se preferimos, uma política incorporada. Os princípios fundamentais da visão androcêntrica do mundo são naturalizados sob a forma de posições e disposições elementares do corpo que são percebidas como expressões naturais de tendências naturais. (BORDIEU, 1995, p. 156)

Trocando em miúdos, a biologia e o corpo seriam espaços onde as desigualdades entre os sexos, aqui resumidas na ideia de dominação masculina, seriam naturalizadas.

Deste modo, a inerência deste projeto, teve sua concepção, em conversas informais com alunos, que mencionavam terem presenciado diversos cenários de violência, maioritariamente incidindo estes, sobre a violência contra a mulher. Diante dos fatos observados e das desigualdades de gênero perpetuadas na sociedade e também no ambiente escolar, esse estudo tem por finalidade investigar, entre os 30 alunos de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio do interior de São Paulo, estudantes do 2º ano do ensino médio, de 15 e 16 anos, a prevalência de três principais critérios: os tipos de agressões presenciadas, a constante dessa prática e contra quem ela é aplicada. Para que tal estudo pudesse ser viabilizado, procedeu-se um convite a uma educadora social, um esclarecimento prévio sobre a violência contra mulher e dos tipos de agressões, com palestras dialogadas de 2 horas/aula de duração, embasadas nos tipos de agressão encontrados na Lei Maria da Penha nº 11.340/06 da Constituição Federal com o objetivo de verificar junto aos mesmos, se em algum momento de suas vidas tiveram contato com violência de gênero e qual a frequência desta, através de entrevistas estruturadas que serão analisadas posteriormente através do método estatístico descritivo.

METODOLOGIA

O método utilizado para a coleta de dados será entrevista estruturada, igual a todos os participantes, e os resultados serão analisados através do método estatístico descrito. Este foi escolhido, pois nos permitiu uma melhor comparação sistemática de dados, além de outras vantagens próprias de todo o método padronizado. Ele garante também uma maior liberdade das respostas em razão do anonimato, evitando vieses potenciais do entrevistador. Geralmente, através das entrevistas, obtêm-se respostas rápidas e precisas. O principal motivo deste zelo é a possibilidade de comparação com o mesmo conjunto de perguntas e que as

diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferença nas perguntas. (LAKATOS; MARCONI, 1996).

Em uma avaliação prévia, fruto de conversas informais com os alunos, verificou-se a importância de uma explicação mais aprofundada e esclarecedora, sobre a violência contra mulher e os diversos tipos de agressão, incluindo a mais referenciada, explicitando quais os significados e implicações de cada um dos tipos. Portanto, antes da aplicação da entrevista (dos questionários) fez-se necessária, uma explanação do assunto, e assim, esta foi aplicada aos 30 alunos participantes deste estudo, na sala de aula onde se encontravam, através da realização de palestras sobre os tipos de violência de gênero, em 2 horas/aula, com base no documento oficial, criado em 7 de agosto de 2006, Lei Maria da Penha, nº 11.340. Essa palestra foi ministrada por uma educadora social a todo público-alvo da pesquisa e ao fim de cada sessão, foram desenvolvidas discussões entre os grupos acerca do tema tratado, procurando esclarecer eventuais dúvidas que tivessem surgido. Após a palestra dialogada sobre os tipos de agressão, elaboraram-se então as entrevistas, que posteriormente foram aplicadas aos alunos. Estas basearam-se em três critérios de análise predefinidos:

1. Tipos de agressão.
2. Constante dessa prática.
3. Qual a vítima da agressão.

No primeiro critério, levaram-se em consideração os 5 tipos de agressão apresentados na Lei Maria da Penha 11.340/06, sendo elas: física, psicológica, patrimonial, sexual e moral; no segundo, pontuou-se a frequência de exposição as cenas ou cenários de violência dos entrevistados (as) ou da pessoa referenciada, e por fim, investigou-se contra qual pessoa a violência foi dirigida, abrangendo inclusive, no caso de ser o próprio (a) aluno (a) a ter presenciado ou vivenciado essa agressão.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Podemos observar através da análise de dados que 90% dos alunos já haviam presenciado os tipos de agressão, físico, psicológico, patrimonial e moral, com exceção da agressão sexual que corresponde a 30% dos alunos.

Quanto ao número de vezes foi possível mensurar que 90% presenciaram a violência física e patrimonial em uma incidência de até 10 vezes, e a psicológica e moral, 70% dos entrevistados já haviam se deparado mais de 31 vezes. E finalmente, a agressão sexual foi presenciada por 30% dos alunos em uma prevalência de até 10 vezes.

Em relação as vítimas os alunos alegam terem observado a agressão contra: 50% foram as mães, 27% irmãs, 37% tias, 33% primas, 60% vizinhas, 50% desconhecidas e por último as próprias alunas encabeçando 34%.

Diante desses dados alarmantes, resolvemos ampliar os estudos para todos os alunos do ensino médio da referida escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palestra, ministrada pela educadora social, trouxe um suporte grande aos alunos para que eles se apoderassem dos conceitos para responder ao questionário. Através dos questionários pudemos verificar os altos índices de violência presenciados e vivenciados por estes alunos, incidindo sobre as mulheres. Verificamos ainda, que existem muitas perguntas e

arestas para que possamos compreender o porquê deste fenômeno ser tão alastrado, num município com cerca de 8 mil habitantes, e principalmente o porquê de existirem tantos relatos de violência e pouquíssimas denúncias e boletins de ocorrência registrados. Verificamos a pertinência de investirmos em mais palestras de sensibilização e esclarecimentos para que possamos dotar estes alunos de ferramentas para o reconhecimento de situações de violência, para que se encorajem em denunciar e principalmente para que saibam sair delas. Vimos também diante desses resultados a necessidade de estender essa investigação aos outros alunos para possibilitar uma maior visibilidade da realidade. No entanto, mesmo estes esforços, serão escassos, pois a situação problema, encontra-se enraizada em nossa sociedade, através da falta de cultura, de educação e sobretudo da perpetuação de modos e atuações que diferenciam gêneros e causam imensos impactos nas vivências e representatividades sociais e políticas. Convulsões sociais e polaridades não renderão os frutos tão desejados e necessários para que possamos traçar novos rumos para nossa sociedade. É preciso um trabalho de “formiga”, alicerçado e ponderado, que possa abranger as mais variadas áreas da sociedade, onde se possam desmistificar mitos e esclarecer conceitos, onde possamos propagar não só ideologias, mas também práticas, boas práticas de atuação, de ensino, de respeito, de cidadania e representatividade. Igualdade de direitos e Equidade entre os gêneros é o que desejamos e clamamos.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2003. (Publicado originalmente em francês, 1994).
- _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. **A dominação masculina**. *Educação & realidade*. 20(2), 1995.
- _____. **Esboço da teoria da prática**. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu/ Sociologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- BRASIL. **Lei nº 11.340/2006**, de 7 de agosto de 2006. Brasília, 7 de agosto de 2006; 185º da Independência e 118º da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramallete. 38ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.
- FREUND, J. E.; SIMON, G. A. **Estatística aplicada**. 9. ed. Porto Alegre: Bookman, 2000.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**. 3a edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.